

Maria Peters

Antonia

UMA SINFONIA



Planeta

Tradução:

Mariângela Guimarães

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Maria Peters and Meulenhoff Boekerij bv, Amsterdam, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Copyright © Mariângela Guimarães, 2020
Publicado em acordo especial com Meulenhoff Boekerij bv em conjunto com
seu agente 2 Seas Literary Agency e coagente Villas-Boas & Moss Agência e
Consultoria Literária.
Todos os direitos reservados.
Título original: *De Dirigent*

Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Mariana Rimoli e Mariana Cardoso
Diagramação: Márcia Matos
Capa: Adaptada do projeto gráfico de Synapse Distribution

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Peters, Maria

Antonia, uma sinfonia / Maria Peters ; tradução de Mariângela
Guimarães. -- São Paulo : Planeta, 2021.
256p.

ISBN 978-65-5535-281-8

Título original: De dirigent

1. Ficção holandesa 2. Brico, Antonia, 1902-1989 - Ficção biográfica
I. Título II. Guimarães, Mariângela

21-0055

CDD B839.313

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção holandesa

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Willy

1

Nova York, 1926

— Lugar errado. Preste mais atenção. — O sr. Barnes me pega pelo cotovelo e me lança um olhar repreensivo.

Sigo seu olhar assustada. Não percebi nada da confusão que ocorreu na fila. Vejo o casal de idosos, a quem acabei de indicar os assentos, voltar aos tropeços pro corredor. Abaixo a cabeça envergonhada.

— Me perdoe — digo da maneira mais subserviente possível, pois ele é meu chefe e eu conheço o meu lugar.

O sr. Barnes nem olha mais pra mim e vai ele mesmo ajudar o casal. Fico ali meio perdida, mas me recomponho e vou até os próximos espectadores que procuram seus assentos.

Digo pela enésima vez:

— Bom espetáculo.

Levar as pessoas até os seus lugares é a minha ocupação noturna. Durante o dia, trabalho como datilógrafa num grande escritório. Talvez seja loucura ter dois empregos, mas já estou acostumada. Minha mãe quer que seja assim. Ela também permite, impassível, que meu pai trabalhe dois turnos consecutivos. Precisa do dinheiro, é o que ela diz.

Bem lá no fundo, fico aliviada de estar fora de casa com frequência. Minha mãe não é exatamente a pessoa mais agradável do mundo. Quando ela ri, a boca faz no máximo um traço; normalmente, os cantos de sua boca ficam voltados pra baixo. Quando fui pra escola pela primeira vez, por azar fiz um desenho dela. Mostrei pra minha mãe, toda orgulhosa. Seria melhor não ter feito isso. Passei dois dias sem poder sentar no traseiro. Eu admito, o desenho não era nenhuma obra-prima, talvez ela tivesse razão.

A partir daquele momento, ensinei a mim mesma a colocar um sorriso na boca toda vez que me olhava no espelho, mesmo quando não havia nenhum motivo pra sorrir. Embora eu ainda não seja naturalizada, vivo, sim, o sonho americano, com sorrisinhos e tudo.

Esta noite o concerto inicia com a Terceira Sinfonia de Beethoven. Aqui na América chamam essa composição de “Sinfonia heroica”. Nós, holandeses, dizemos simplesmente “Heroica”.

Ludwig van Beethoven escreveu a sinfonia em homenagem a Napoleão Bonaparte quando ele mesmo se proclamou imperador da França. Pra mostrar quem é que mandava, Napoleão não admitiu que o papa colocasse a coroa em sua cabeça; coroou-se ele mesmo. Homens podem facilmente fazer esse tipo de coisa.

Beethoven, que viveu na mesma época, cantou os feitos heroicos desse ditador. Eu acho Beethoven mais heroico que qualquer Bonaparte. Ele sabia que ficaria cada vez mais surdo, mas isso não diminuiu sua vontade de lutar. “Quero agarrar o destino pela garganta, com certeza não vou me curvar”, foi sua reação (ou algo do gênero). Em seguida, encerrou com sua música o período clássico e abriu um caminho totalmente novo, o do romantismo. Veja só, isso sim é de tirar o chapéu.

Está morto há noventa e nove anos e olhe como as pessoas ainda se aglomeram pra ouvir sua obra-prima. Faço uma pequena reverência. Os dois senhores a quem acabo de indicar seus assentos pensam que é em respeito a eles, mas em meu coração agradeço a Beethoven pelo que está por vir. A movimentação dos membros da orquestra indo para os seus lugares me distrai. O som da afinação de seus instrumentos me entusiasma. Olho para os pelinhos no meu braço. Arrepiados, desde já.

Me sento meio escondida no corredor, com uma marmita no colo. As portas do auditório estão fechadas. Não podemos mais entrar. Mexo com os palitinhos o macarrão oriental já frio.

É sempre uma correria quando saio do meu emprego diurno pro noturno. No escritório só tem um relógio de ponto e, se eu não tiver sorte, tenho que esperar numa fila enorme. As datilógrafas não têm muita

pressa – quem demora a bater o ponto, é como se tivesse trabalhado por mais tempo. Então, quando pego o fim da fila, fico em maus lençóis.

Não tenho tempo pra ir pra casa entre um emprego e outro. Minha mãe me dá todos os dias uma marmitinha, mas eu não como. Nunca é comida do dia anterior, pois essa ela mesma come. Também não é de dois dias atrás, porque essa ela dá pro meu pai. Os restos que ela reserva para mim têm pelo menos três dias. Demorou um pouco pra que eu entendesse o sistema dela; no começo, eu até passei mal algumas vezes. Por isso, agora eu jogo logo fora a comida estragada. O problema é que não posso dizer isso a ela. Minha mãe teria um ataque. Jogar comida fora é um pecado mortal.

O caminho mais curto entre o escritório e o teatro atravessa Chinatown. Consegui, por pouco dinheiro, fazer um arranjo com um pequeno restaurante, um desses que também têm um balcão dando pra rua. O sr. Huang já deixa a minha refeição pronta. Ele sabe da minha pressa. Geralmente vou comendo na rua, e, quando estou atrasada, ele empacota pra mim pra que eu possa levar para o teatro. No começo, ele ria de como eu me atrapalhava com os palitinhos, mas, quando viu como aprendi rápido, ganhei seu respeito.

O macarrão está todo grudado, e tenho cada vez menos vontade de colocar mais uma porção na boca. Me pergunto se o concerto já começou há tempo suficiente pra que eu vá até o banheiro masculino. Ninguém à vista. Tudo tranquilo. No caminho, jogo a comida numa lixeira. Guardo um palitinho escondido na prega da saia do meu uniforme cinza.

Não posso fazer nada, o banheiro masculino deste teatro me atrai como um ímã. Fica num andar mais baixo, exatamente sob o palco. Teria facilitado bastante se fosse o banheiro feminino, mas de lá não se escuta nada. Este é o lugar onde tenho que estar.

Com cautela, entro no grande espaço quadrangular, recentemente azulejado num bonito estilo moderno que chamam de *art déco*. Numa passada de olhos, vejo que não tem ninguém nos mictórios. Depois de me certificar de que também não há ninguém usando um dos vários toaletes, ousou me posicionar bem no centro, fecho os olhos e ouço. Escuto a música, que, por causa de um vazamento acústico, se pode ouvir tão bem que parece que eu mesma estou diante da orquestra.

A música de Beethoven preenche cada fibra do meu corpo. Este é o primeiro dos quatro movimentos que compõem a sinfonia. O *Allegro con brio*, o que quer dizer que deve ser tocado com vivacidade e energia. É lógico, um verdadeiro herói sempre tem energia. Eu ergo o palitinho e imagino de tudo, mas principalmente que sou a regente dessa orquestra. Que uma centena de homens segue os movimentos da minha mão, todos inspirados por mim a tocar “Heroica” como eu acho que deve soar. O palitinho se mexe pra cima e pra baixo em compassos de três por quatro. É inacreditável quanto isso me faz feliz. Me sinto viva ao quadrado. Essa explosão de intensa felicidade é simplesmente viciante.

Mesmo assim, tento não ceder a ela com muita frequência. Me permito a isso apenas uma vez por semana, em dias alternados. As outras funcionárias, que se juntam cochichando baixinho no foyer, não podem perceber. E sempre faço isso no começo do concerto. A primeira meia hora é segura, sei por experiência que uma bexiga comum pode aguentar por esse tempo. Meu pai pode aguentar por não sei quanto tempo – às vezes vai ao banheiro só duas vezes por dia –, mas sempre tem aqueles senhores mais idosos que vão ao banheiro durante um concerto. Então, preciso tomar cuidado pra não estar aqui. Por enquanto, ainda tenho um tempinho.

Apono pros primeiros violinos imaginários: mais forte. Segundos violinos: conttenham-se. Cada naipe de instrumentos recebe uma indicação. Me envolvo tanto que me esqueço de mim mesma. Pode-se dizer que é uma espécie de transe. Mas uma espécie de transe bem diferente daqueles de que minha mãe se vale nas sessões espíritas que faz com seu clube de mulheres. Não me interessa nem um pouco por aquilo, pois não acredito naquela bobagem. Mas foi bom pra mim que Beethoven e Liszt tenham aparecido uma vez pro clubinho dela pra dizer a minha mãe que eu me tornaria uma grande musicista. De outra maneira ela jamais teria me mantido nas aulas de piano. Mas que ela e suas amigas pudessem reconhecer Ludwig van Beethoven e Franz Liszt, como espíritos, *nota bene*, não me convence.

A porta se abre e eu levo o maior susto. Abaixo os braços rapidamente. Ouço o palitinho quicar no chão. Um jovem entra e fica me olhando

admirado. Escondo a sensação de ter sido pega em flagrante, levanto um pouco o queixo e olho pra ele tão destemida quanto possível. Afinal, eu trabalho aqui e ele não.

— Este é o banheiro masculino — ele diz.

Pelo jeito, ele acha necessário explicar a sua chegada. Demora um instante até que eu recupere a fala.

— Eu, ah... estou verificando aqui.

Seu olhar passeia pela minha roupa. Com certeza, perceberá que estou vestida como funcionária.

— Está verificando o quê?

— A higiene. — Abro algumas portas e inspeciono os toaletes. — Os toaletes masculinos sujam mais rápido, por isso fazemos um controle extra.

Ele fica me observando. O intruso não deve ser muito mais velho que eu. Vinte e tantos anos, no máximo. Não posso suportar que ele tenha boa aparência, que suas roupas de qualidade demonstrem requinte. Não posso suportar, porque isso faz com que eu me sinta ainda mais desconfortável.

— E você já terminou?

Faço que sim com a cabeça.

— Está tudo limpo, senhor.

Seguro a porta de um dos toaletes aberta, de maneira convidativa, na esperança de que ele desapareça pra sempre ali dentro. Mas ele continua parado, enfia as mãos nos bolsos da calça, indolente, como se tivesse todo o tempo do mundo, e continua a me olhar.

— O senhor está perdendo o concerto.

— Já vi várias vezes — ele responde.

Olho fundo em seus olhos castanhos, bonitos demais, como se assim pudesse forçá-lo a fazer alguma coisa. Mas não. Ele continua parado na porta. Não tenho opção a não ser sair. Ele precisa dar um passo para o lado para que eu possa passar, mas não desvia o olhar.

Já estou no corredor quando o ouço dizer pelas minhas costas:

— Está esquecendo uma coisa.

Me viro e ele olha pro palatinho, que ele também ouviu cair. Está diante dos seus pés, mas ele não faz nenhum gesto para pegá-lo. Tenho que me curvar.

Naquela noite, todos os funcionários são enfileirados. Arrogante, o diretor Barnes distribui os envelopes com o pagamento. É noite de sexta-feira, nosso dia de pagamento semanal, e como de costume ele informa os concertos que virão nas próximas semanas. Fico de ouvidos bem abertos; acho aquela parte ainda melhor do que receber meu salário.

— E então teremos sucessivas performances da Quadragésima Sinfonia de Mozart, da Centésima de Haydn, da Terceira de Schumann, o Concerto para violino de Mendelssohn...

Minha colega Marjorie se inclina pra mim e sussurra:

— Estou morrendo de tédio. Quer um pedaço de goma de mascar?

Marjorie e sua goma de mascar são inseparáveis. Ela tem sempre consigo vários pacotinhos no bolso. Chiclete Adams' New York nº1, estica e estala. Ela com certeza faz a goma estalar quando ninguém está vendo. Como ela consegue eu não sei, mas ninguém parece perceber que ela está constantemente com aquele negócio na boca. Uma vez, tinha goma de mascar até grudada nas tranças grossas que ela sempre enrola em volta da cabeça. Contou que tinha acontecido enquanto dormia. Levou dias pra que conseguisse tirar.

— Fico enjoada com goma de mascar — sussurro de volta.

— Sei. — Marjorie pensa que estou brincando. Não sabe que é verdade.

Enquanto isso, continuo escutando.

— E também estamos, é claro, excepcionalmente honrados porque no próximo mês o famoso maestro holandês Mengelberg será nosso convidado...

Mengelberg!

— ... com uma execução da Quarta Sinfonia de Mahler — conclui Barnes.

— Tenho que assistir — sussurro pra Marjorie. Estou tão animada que fico a ponto de explodir.

Marjorie me olha muito surpresa, mas, quando vê em meus olhos que pra mim é sério, e o sr. Barnes está a apenas dois passos de distância, ela cochicha:

— Peça pra ele!

O diretor para na minha frente e me olha da cabeça aos pés. O odor penetrante de suas axilas se aninha em meu nariz. Penso em sua

repreensão no começo daquela noite, ou que o homem do toailete talvez tenha reclamado sobre a minha presença no banheiro masculino, e a coragem de pedir o que quer que seja cai por terra. No fim, seu olhar se fixa no meu colarinho puído.

— Compre uma blusa nova. Esta está muito gasta.

Mantenho os olhos voltados diretamente para a parede e assinto com a cabeça. Ele entrega meu envelope de pagamento e continua andando até Marjorie.

— Sr. Barnes? Ela quer ir ao concerto — ela diz.

— O quê?

— Willy quer ir ao concerto deste Mengelen.

— Mengelberg — corrijo depressa.

— Foi o que eu disse.

Barnes volta os olhos para mim.

— Impossível.

— Mas...

— Os ingressos para esse concerto se esgotaram em um dia.

Barnes continua andando. Engulo meu desapontamento e fico frustrada pela enésima vez com o fato de os funcionários não poderem ter acesso ao auditório durante os concertos.

Alguns minutos mais tarde sinto o cheiro do diretor no corredor, pego um caminho diferente do da saída de funcionários e vejo quando ele entra em seu escritório. Bato na porta aberta e espero no degrau de entrada.

— Sr. Barnes, será que o senhor então poderia me colocar na lista de espera? Por favor?! Só desta vez?

Ele se surpreende por eu tê-lo seguido, posso perceber imediatamente.

— Por favor? — digo novamente.

— Estou ouvindo você implorar? — Ele me olha com curiosidade.

— O lugar mais barato custa um dólar.

Como se eu não soubesse disso. O lugar mais caro custa dois dólares e setenta e cinco, e se eu fosse estudante poderia entrar por vinte e cinco centavos. Começo a tirar o dinheiro do envelope de pagamento, mas ele me faz parar.

— Você só precisa pagar se tiver lugar. — Então, pega sua caneta-tinteiro e põe meu nome na lista de espera com letras floreadas.

Assobiando, subo as infundáveis escadas do cortiço onde meus pais alugam um apartamento. Sei que mocinhas não devem assobiar, mas hoje eu nem me incomodo. Me sinto leve por dentro.

Quando entro em casa, vou direto pro meu quarto e tiro uma das partituras que escondi embaixo da cama. Sento na beirada do colchão. Leio com admiração o nome na capa: Gustav Mahler, Quarta Sinfonia. Meus olhos deslizam ansiosos pela partitura e pelas anotações que rabisquei com lápis vermelho e azul. Olho pra parede onde tenho toda uma coleção de retratos dos meus dois ídolos. Meu olhar se firma nas fotos de Mengelberg.

— Willy?

Ouçõ minha mãe tropeçando no corredor. Fecho depressa a partitura e quero colocá-la de novo embaixo da cama, mas não dá tempo. Minha mãe entra no quarto. Sempre faz isso sem desculpas, mesmo agora que já tenho vinte e três anos. Ela estende a mão.

— Seu salário.

Entrego os envelopes de pagamento dos meus dois empregos e, enquanto ela começa a contar o dinheiro, empurro a partitura com os pés pra debaixo da cama. Ela não faz ideia de que meu quartinho abafado tenha uma série de esconderijos. O melhor fica atrás do painel, sob meu piano surrado. Mexendo em dois pininhos, consigo soltar e retirar a face de madeira. Guardo ali o dinheiro que suei para economizar e com o qual, entre outras coisas, pago o sr. Huang.

— Preciso de uma blusa nova.

— Não reclame. Essa está boa.

— Eles me advertiram...

— Você pode consertar.

— ... que vão me dispensar — termino a frase. Isso estraga o seu humor, porque a última coisa que ela quer é ver menos dinheiro entrando.

Minha mãe hesita. Depois tira dois dólares do envelope.

— Acho que não é o suficiente — eu tento, mas ela não se convence.

— Mais que isso você não vai ter. — E me deixa sozinha com essas palavras.

No dia seguinte, por ser sábado, não preciso trabalhar no escritório. Minha mãe não está. Foi ler folhas de chá pra um cliente. Com essa artimanha ela ganha uns centavos aqui e ali. Pego agulha e linha na caixa de costura e conserto o colarinho puído da minha blusa de trabalho.

Naquela noite não preciso evitar o sr. Barnes.

— Veja — digo quando cruzo com ele no foyer. Aponto pra minha blusa e sorrio.

— Um pouco melhor — ele avalia. — Fico feliz que tenha me escutado.



Planeta

Willy

2

Deixo minhas mãos repousarem um instante nas teclas da máquina de escrever e espreito o relógio grande na parede. Mais quinze minutos e será tempo de parar. Mal posso esperar; o concerto de Mengelberg é esta noite.

Quando vejo as sessenta mulheres que trabalham na minha repartição, fico nervosa. Será que vou conseguir ser a primeira no relógio de ponto? Minha bolsa já está pronta embaixo da escrivaninha, só tenho que terminar esta carta. Vejo a minha chefe vindo pela fileira. Abaixo o queixo e remexo os dedos sobre as teclas. Não quero que ela pense que já terminei. Mas dou azar. Ela para bem na minha escrivaninha.

— Você pode fazer um teste? — ela pergunta.

Deus do céu, por que ela sempre vem atrás de mim? Mas ouço a mim mesma respondendo comportadamente:

— Agora?

— Sim, agora.

Ela acena pra duas candidatas que estão um pouco mais adiante.

Me levanto a contragosto. Minha chefe não é alguém com quem se possa discutir. É uma solteirona que só pensa em trabalho. Algumas vezes ficava imaginando como ela passa as noites, mas nos dois anos que trabalho aqui fui aos poucos deixando isso pra lá. Agora já sei que ela não tem ninguém; a solidão está marcada em seu rosto. Ela mascara isso muito bem agarrando-se ao trabalho.

Pelas costas, as datilógrafas a chamam de Pit Bull, porque ela nunca cede, mas eu jamais a chamo assim. Acho injusto retratar mulheres dessa forma. Já ouviu falar de algum homem ser chamado de pit bull? Ou de vaca ou cobra? Claro que não. Homens também não são chamados de bruxos, vagabundos ou cachorros. Conheço vários homens aqui no

trabalho que são até piores que nossa chefe e que também nunca cedem, mas eles não recebem esses apelidos idiotas.

Aliás, pro chefe ela vale ouro. Correm boatos de que ela já teve um caso amoroso com ele, mas até onde eu sei o fulano é bem casado e não posso imaginar que seja verdade.

Enquanto minha chefe sai, as candidatas se apresentam pra mim. Seus nomes me entram por um ouvido e saem pelo outro. Uma delas tem uns quarenta anos e apresenta uma aparência muito austera. Seu cabelo escuro está bem puxado pra trás num coque e ela usa óculos. Segura um jornal embaixo do braço.

Tiro minha carta da máquina, dou a ela uma folha em branco e aponto pra minha cadeira. Enquanto ela se senta, coloca o jornal de lado. Meus olhos batem num artigo que anuncia o concerto de Mendelberg. Por mim, ela já ganharia vantagem, não que eu tenha alguma influência nisso.

A outra candidata me parece ser uns dez anos mais nova. Tem aquelas sobrancelhas assustadoramente finas, artificialmente altas. Seus seios saltam pra fora do suéter, apertado demais pro meu gosto, e ela não consegue dar um passo em seus saltos altos sem rebolar, toda coquete. Por que ela fez uma volta tão grande pra ir até a escrivania vazia ao meu lado, é um mistério para mim, pois não tem nenhum homem por perto.

O teste que aplico é simples. Elas precisam apenas datilografar uma carta.

— Vocês têm dez minutos — digo pouco antes de dar início. Aperto o cronômetro. Os segundos passam tão rápido como no relógio.

Imediatamente se percebe que a candidata austera datilografa com uma velocidade incrível e sem olhar pras teclas, mais rápido do que eu jamais havia visto. Presumo que mais de trezentos toques por minuto. Que contraste com a candidata coquete, que está preocupada com suas unhas longas com esmalte vermelho. Se alcançar cem toques, é muito. Analiso seu cabelo platinado. As raízes escuras, aparecendo de forma pouco lisonjeira, me intrigam. Me pergunto quanto ela deve sofrer por esse penteado, tanto financeira como fisicamente.

Ouçõ a campanha tocar e vejo todos ao meu redor indo embora. Só a chefe continua entronada em seu elevador. Ela ainda tem que verificar toda a pilha de cartas que as datilógrafas entregaram.

— Parem — grito depois de dez longuíssimos minutos.

Puxo o papel das máquinas e corro pela sala, agora vazia, até minha chefe. Na minha presteza, esbarro em sua escrivadinha. Uma garrafa térmica cai. Irritada, ela olha pro café frio que escorre por seus papéis. Tento enxugar a bagunça, mas só pioro as coisas. Minha chefe me dá um olhar lancinante quando entrego as duas cartas.

A averiguação é feita em um instante.

— De quem é esta? — Ela levanta a carta mais curta e mostra pras duas mulheres que chegam perto de mim.

— Minha — responde a candidata coquete.

— Lenta demais, unhas muito compridas, erros demais. E você... — Ela agora levanta o texto mais longo. — Dedos rápidos, unhas curtas e nenhum erro.

A candidata austera aprecia o elogio, mas então vem o resultado.

— Você pode começar amanhã — diz minha chefe resoluta à candidata coquete.

Hã? Estupefata, a candidata austera desliza seu olhar da chefe para a concorrente, que se desfaz em agradecimentos bajuladores. Abaixo os olhos, envergonhada, e quase esqueço que tenho que ir embora, de tanto que sinto por ela.

— Não compreendo — ela diz à minha chefe, enquanto sua oponente deixa a repartição rebolando.

— Era de se pensar que escolheríamos a melhor — minha chefe argumenta sua decisão. — Mas meu chefe não quer mulheres que ele não acha atraentes e eu não quero alguém que me sobrepuje.

A perdedora sai insatisfeita e eu quero segui-la. Mas minha chefe levanta uma pilha de cartas pingando. Daria tudo pra acordar deste pesadelo, no qual não consigo ir em frente, mas o ponto é que ainda não acabou.

Datilografo como uma louca refazendo as cartas que molharam. Do meu lado está o jornal que a candidata austera esqueceu. O retrato de Mengelberg a me encarar. Pego o jornal e me levanto num salto. Já basta pra mim.

— Já terminou? — pergunta minha chefe surpresa do alto de seu elevado, uns vinte metros mais adiante.

Abençoada distância.

— Não, mas tenho que ir a um concerto.

— Isso tem que ser terminado.

Começo a correr.

— Amanhã.

Ela levanta a voz às minhas costas:

— Se for embora agora, está despedida!

Fico parada como uma estátua e considero seriamente essa consequência. Pra ganhar tempo, me viro lentamente.

— Ainda bem que a senhora contratou uma datilógrafa tão rápida.

— E então saio chispando da repartição. Por sorte, não preciso mais bater ponto.

Não me pergunte como consegui chegar a tempo. Devo ter empurrado impiedosamente os pedestres que estavam no caminho. Atravessado no sinal vermelho. Saltado perigosamente entre automóveis que buzinavam pra cruzar a rua. Só sei que corri, e corri e corri, como se minha vida dependesse disso. A única coisa que consegui registrar foi o anúncio do concerto na fachada do teatro.

Ofegante, arremesso meu dinheiro na bilheteria e só consigo dizer que estou na lista de espera. O bilheteiro nem se dá ao trabalho de procurar meu nome.

— Sinto muito, Willy, você chegou tarde demais.

— Mas o diretor... o diretor... — Tento tomar fôlego.

Ele balança a cabeça condoído.

— Você conhece as regras. Tem que chegar meia hora antes.

Indignada, pego meu dinheiro de volta.

Vou até o vestiário e ponho meu uniforme. Nem sei por que me dou a esse trabalho, mas voltar pra casa não é uma opção; quero estar no mesmo lugar em que Mengelberg está.

Passo por Marjorie com o olhar retesado em meio ao aperto no corredor. Ela chama meu nome. Eu nem me viro. Também evito o contato com as outras funcionárias que estão trabalhando duro nos

últimos minutos antes do início. Elas não se importam com a raiva que estou sentindo.

— Por que está aí parada? Por que não está trabalhando? — Marjorie aparece do meu lado e estala sua goma de mascar no meu ouvido. Já se esqueceu de que pedi a noite livre.

Meu coração salta na gaiola das costelas. Tenho que me recompor.

Faço de conta que estou indo até um grupo de pessoas. Mas não consigo agir como se fosse uma noite de trabalho comum. Não podem esperar isso de mim. Correndo o risco de bater numa luminária, busco refúgio no banheiro masculino. Graças a Deus não tem ninguém. Inquieta, fico andando de um lado pro outro até que vejo minha imagem no espelho. paro, vou até o espelho e olho bem pro meu rosto. Sem sorriso desta vez.



Frank

3

O homem que organiza concertos para maestros e solistas, é como posso descrever meu trabalho. No meu cartão está resumido: *Concert Manager*. Esta noite a honra é de Willem Mengelberg.

O teatro está uma loucura. Todo mundo quer vê-lo. Tenho dificuldade para sair da sala do maestro, onde Mengelberg está se preparando, e seguir até o meu camarote. Sou parado o tempo todo por amigos e conhecidos que me cumprimentam pelo sucesso da turnê. Agradeço e digo sorrindo minha resposta padrão, que sempre ajusto ao país de origem do maestro:

— Tudo que é bom vem da Holanda. — Com esse elogio a Mengelberg, desvio a atenção de mim mesmo. E não estou nem mentindo: nós, americanos, adoramos exibir nossas raízes europeias.

Ninguém precisa saber a dor que tento exorcizar com este comentário. As pessoas não têm a menor ideia de que a música é o único remédio que pode abafar para mim o insuportável barulho das memórias de guerra que vivi naquela maldita Europa. Se não viesse tanta beleza de lá, eu baniria o continente da minha vida para sempre.

Eu era jovem demais para ser mandado para aquela guerra sangrenta. Muito jovem e muito ingênuo, assim como tantos outros. Tive o privilégio de não precisar entrar naquelas trincheiras infernais, mas vivenciei a carnificina nos hospitais de campanha por trás do fronte. Pude trabalhar ali como *medical officer*, porque tinha estudado na América para ser médico. Recebi esse título unicamente porque minha mãe era descendente da nobreza britânica, pois na prática eu fazia o trabalho de um enfermeiro. O que eu não podia saber no início era que desempenharia essa função no que mais tarde entrou para a história como o “ano da tragédia do gás”. Mas, bem, ainda estou vivo.

Nove milhões de militares não sobreviveram, então que direito eu tenho de reclamar?

Willem Mengelberg não teve muitos problemas na Grande Guerra, contou-me uma vez. A Holanda permaneceu neutra, algo que a América também conseguiu fazer pelos primeiros três anos. Quando a América entrou no conflito, em 1917, e eu, um rapazote de vinte anos, parti para a guerra na Europa, Mengelberg já era o maestro principal da Orquestra Real do Concertgebouw de Amsterdã por mais de duas décadas. Sua fama apenas aumentou depois disso.

Naturalmente, estou orgulhoso de ter conseguido trazê-lo para Nova York. O público na América adora estrelas, e para a música clássica só contam os que fazem sucesso na Europa.

Por fim, chego ao camarote onde meus pais já estão me esperando. Cumprimento-os cordialmente e vou me sentar, pois vejo que o spalla já se levanta. Ele faz um sinal ao oboísta para que dê o tom a fim de que os outros músicos afinem seus instrumentos.

Quando isso termina, Mengelberg entra. Ele causa sensação. Os aplausos entusiasmados me fazem bem. Mengelberg cumprimenta o spalla e então toma seu lugar no pódio.

Toda vez, sinto-me vicariamente nervoso. Um estranho fenômeno, pois eu não preciso fazer nada, apenas me recostar. Mas ainda não faço isso. Continuo sentado na beirada do assento e olho para a sala lá embaixo. Todas as pessoas que aguardam e que logo viverão uma noite única graças à singular química entre o maestro Willem Mengelberg e o agora falecido compositor judeu Gustav Mahler.

A Quarta Sinfonia, que será executada esta noite, data de 1900, quando a vida ainda sorria para Mahler. Ele compôs essa sinfonia durante as férias de verão, porque não era acostumado a ficar sem fazer nada. Poucos anos depois, o destino acometeria: perdeu sua filhinha de quatro anos, seu casamento com a esposa muito mais nova estava sob constante tensão, os médicos constataram que ele tinha uma doença cardíaca incurável, e ele perdeu sua posição na Ópera da Corte de Viena, onde tinha regido por dez anos seguidos, abolindo muitas tradições arraigadas e introduzindo novas condutas. Ainda assim, Gustav Mahler tornou-se cada vez mais famoso por suas composições, que eram reflexo de sua vida pessoal.

Onze anos mais novo, Willem Mengelberg era um ardoroso admirador de Mahler e o levou algumas vezes a Amsterdã, onde Mahler pôde reger as próprias sinfonias. Os dois se tornaram bons amigos. Com as bênçãos do mestre, Mengelberg tornou-se um dos mais conhecidos intérpretes de Mahler. Em Amsterdã, executou as obras do compositor mais de duzentas vezes com a Orquestra Real do Concertgebouw e esta noite ele está aqui, com a Sociedade Filarmônica de Nova York.

As luzes do auditório se apagam. Os aplausos arrefecem. Reina o mágico silêncio pouco antes do concerto, quando a concentração aumenta. As pessoas sequer ousam tossir.

Os guizos soam nas primeiras notas. Eles sempre me fazem lembrar da minha infância, quando meus pais contratavam um Papai Noel que vinha num trenó puxado, para variar, por seis cavalos em lugar de renas. Eu acreditava em qualquer coisa, pois ficava encantado pelos guizos no lombo dos cavalos. Agradeço a Deus de joelhos pela música ter mantido esse efeito de encantamento para mim. De outra forma, eu estaria perdido. Eu me recosto. O concerto começou.

A primeira parte desta sinfonia é uma peça alegre. Como se o sol quisesse irromper no auditório. Após uns dezesseis minutos, depois de um crescendo exuberante, o primeiro movimento suaviza. E no sempre sagrado silêncio que vem a seguir, ouço o ruído pesado de uma porta que se fecha com bastante força.

Gustav Mahler se reviraria no túmulo. Acho que ninguém aqui no auditório sabe que o próprio Mahler, *nota bene*, é responsável pelos silêncios entre cada movimento, pois, como maestro, ele fazia gestos categóricos para que seu público aprendesse de uma vez por todas a não bater palmas entre os movimentos.

Um tanto surpreso, vejo que as pessoas abaixo de mim viram a cabeça para o lado. Tem alguém andando até a frente pelo corredor central. Estranho, pois sei que os espectadores que chegam atrasados dão com a cara na porta – regra também introduzida por Mahler na Ópera da Corte de Viena.

Tento vislumbrar no escuro. Não consigo ver quem é, mas a figura feminina leva uma cadeira dobrável de madeira embaixo de um dos braços e um livro grande no outro. Ela vai até bem perto do palco. Que diabo está fazendo ali? Por que abre sua cadeira exatamente atrás do

pódio do maestro, e de onde tira a audácia para se sentar naquele lugar? O auditório reage com murmúrios indignados.

Mengelberg não percebeu coisa alguma, olha tão concentrado para a partitura que está surdo para ruídos paralelos. Isso prova mais uma vez quanto nossos ouvidos são seletivos. Da parte dele, não preciso temer nada.

A mulher na cadeira dobrável abre seu livro e aguarda como todo mundo. Minha mãe se inclina em direção a mim.

— Você não vai intervir?

Não entendo por que fiquei assistindo a tudo tão paralisado.

Corro pelo tapete grosso e desço as escadas, onde o diretor Barnes vem ao meu encontro.

— Tire-a de lá — digo a ele.

— Quem?

Pelo visto ele nem percebeu toda a comoção, mas fica profundamente contagiado com minha agitação. Ele me segue até a porta lateral que dá acesso ao corredor que corre paralelo ao palco. Quando abro uma fresta, o rumor invade o corredor como uma onda. Espreito para dentro do auditório, mas vejo apenas o perfil da mulher.

— Por que os funcionários não a impediram? — pergunto zangado.

— Porque ela pertence ao quadro de funcionários — Barnes responde com voz acanhada.

E só então a reconheço. A senhorita do toalete.

Naquele instante, Mengelberg se vira para o público rumoroso. Seu olhar pousa na cadeira dobrável. Todos prendem a respiração. Fico aguardando o que acontecerá, assim como toda a plateia.

Noto que ela sorri para Mengelberg. Apesar das luzes voltadas para ele, vê-se que ele percebe o sorriso dela, pois retribui afavelmente. Isso me deixa ainda mais aborrecido.

Bem quando Barnes quer ir até lá, Mengelberg começa o segundo movimento da Quarta Sinfonia de Mahler. Não quero criar mais consternação, então refreio Barnes. Mas não consigo tirar os olhos daquela garota atrevida. Enquanto soa o misterioso *scherzo*, vejo como ela acompanha a música na partitura em seu colo e fico furioso.

— O senhor não precisa me empurrar assim, eu mesma posso andar.

Ela tenta se livrar. Aperto seu braço com mais força e as alças de sua bolsa balançam pra lá e pra cá. Embaixo do outro braço ela segura a partitura.

Eu a peguei de surpresa no saguão quando ela ia colocar a cadeira dobrável na pilha ao lado do banheiro masculino. E agora a levo comigo até a saída de funcionários.

— Deviam prender pessoas como você — eu a afronto.

— Não posso nem pedir desculpas? — ela pergunta um pouco mais tranquila.

— A quem? A toda a plateia?

— Ao maestro Mengelberg.

Era o que me faltava, ainda quer dar uma de esperta. Nego com um movimento de cabeça.

— Você acha que vou deixar que chegue perto dele? Um grande músico deve ser tratado com respeito!

Abro a porta da saída de funcionários.

— Você está demitida — digo ao colocá-la para fora.

Ela quase cai da pequena escada, mas se recupera e se vira feroz para mim.

— O senhor não é o meu patrão — ela grita.

— Seu patrão me deu permissão — eu digo. E é verdade. Naturalmente, consultei Barnes sobre isso.

Suas súplicas de que necessita deste emprego são em vão. Vejo que ela está desesperada, mas não tenho pena. Quando reclama que ainda não recebeu o salário da última semana, pego minha carteira e meto o dinheiro em sua mão. Ao ver a quantia ela finalmente fica quieta. Deve ter sido demais.

Willy

4

Morri de nervosismo sentada ali. Verdade seja dita. Mas mantive a coluna ereta e continuei olhando pra frente de maneira estoica, ainda que sentisse as flechadas dos olhares indignados atravessando as minhas costas. *Está vendo*, pensei. *Você consegue ser intrépida, desde que tenha coragem de ousar.*

Giro pela rua e tomo todo o tempo pra andar pra toda parte, menos pra casa. Gostaria de ter falado com Mengelberg sobre seu concerto e sobre a música. Sobre sua interpretação da peça e sobre a qualidade da nossa orquestra. Assim, de um jeito descontraído, em holandês. E quem sabe tivesse tido coragem de dizer a ele o que eu teria feito diferente.

Se tudo isso não fosse possível, então gostaria de me misturar à multidão que saía do teatro. Ouvir quietinha as opiniões e continuar me deliciando com aquela noite em meus pensamentos. Mas o homem do toailete tinha que estragar tudo. É uma lei da natureza: bolhas de sabão sempre estouram.

Paro junto do mendigo cego que está sentado em seu lugar de sempre. Quando tem vontade, toca melodias que ele mesmo inventa no acordeom, mas agora está em silêncio. Acho que já tocou o suficiente por hoje. Olho pros seus olhos, cobertos por uma neblina azulada; não se vê as pupilas. *Sempre pode ser pior*, eu penso. Ele percebe que estou ali, pois estende a mão.

Meu olhar desliza para o chapéu de feltro com furinhos de traça que está do seu lado. Vazio. E, depois, para a placa de papelão com os dizeres: *Good luck to people who can share.*¹

Maldita sorte. Apalpo o dinheiro em meu bolso.

Tive vontade de dizer para aquele sujeito arrogante que era demais, mas me contive bem a tempo. De qualquer forma, ele não parecia aberto a nenhum diálogo. A quantia era equivalente ao salário de três

1. Em tradução livre: Boa sorte às pessoas que podem compartilhar. (N. E.)

semanas. Considero dois terços como indenização. Ou como pagamento pra sumir de vista. Depende de como se queira chamar.

Pego a mão áspera do mendigo e ponho nela algumas cédulas. Aviso que deve guardar bem. Ele agradece e diz que Deus vai me abençoar. Detesto quando metem Deus no meio, mas desta vez não digo nada. Talvez seja hora de Ele fazer o que tem que fazer. Estou aguardando.

A cada degrau vejo subir uma nuvem de poeira. Cada inquilino limpa o próprio apartamento, mas a escada é domínio público. Ninguém se dispõe a fazer algo pelos outros e por isso a sujeira se aglomera nos degraus.

Nem sempre foi assim, mas é assim que ficará pra sempre.

É um dos muitos motivos que fazem minha mãe economizar todas as moedinhas pra uma casa própria. Como nós, holandeses, somos conhecidos como asseados, minha mãe assumiu durante anos a tarefa de “manter” a escada. No início isso era apreciado pelos outros moradores, mas gradualmente seu esforço foi sendo visto como não mais que uma obrigação. Até que um dia ela não aguentou mais. Esvaziou a lixeira sobre a escada que tinha acabado de limpar e disse:

— Muito bem.

Então tirou o avental, vestiu o casaco e saiu como uma rainha pisando no lixo. Em momentos assim, minha mãe é um exemplo notável.

A primeira coisa que vejo são as cebolas em cima da pia. Imediatamente sei que horas são.

— Teve um dia puxado? — minha mãe pergunta quando me vê.

Pelo visto, ainda não foi puxado o suficiente.

— Correu tudo bem — me ouço dizer. Não vou esfregar no seu nariz que tive dupla demissão. Tenho que digerir isso sozinha primeiro.

Ela me entrega a faca com a qual estava cortando a primeira cebola.

— Termine.

Vejo que ainda tem outras seis.

Tento não chorar. A faca se move pra cima e pra baixo. As rodela de cebola se desmantelam sobre a tábua. Tenho que tomar cuidado com

meus dedos, pois mal consigo enxergar. Pelo menos vejo mais que o mendigo, me dou conta.

Minha aversão a cebolas começou durante a travessia pra América, que fiz com minha mãe quando criança. Meu pai já tinha partido antes, pra arrumar as coisas. No navio, tínhamos que comer no refeitório e um dia serviram cebolas meleçadas com algo que devia ser carne moída. Olhei pra aquela porcaria no meu prato e me recusei a comer.

Mas, se por azar você tiver uma mãe como a minha, aquele prato tinha que ficar vazio. Ela me forçou a comer, fechando o meu nariz e enfiando as garfadas na minha boca. Senti ânsia de vômito, mas, quando há uma batalha a ser vencida, minha mãe não desiste. Pouco mais tarde, vomitei. Em cima da mesa, na frente de todo mundo. O fedor era horrível. As pessoas que estavam perto viravam o rosto cheias de nojo. Em nossa cabine, ela me deu um croque na cabeça, como de costume. Nunca vou esquecer.

Meu pai acaba de chegar em casa de seu emprego noturno. Ele trabalha pro serviço municipal de coleta de lixo. Não num escritório ou algo assim, mas na mais baixa das mais baixas posições: como lixeiro. Não ganha nada bem, mas meu pai é muito bom em escavar tesouros. Ele encontra de tudo no lixo. A maior parte minha mãe leva imediatamente ao penhorista, pra depois nunca mais resgatar.

Meu pai vem ficar do meu lado, vê as lágrimas pingando em meu rosto e olha pra minha mãe.

— Você sabe que ela chora com isso — ele diz baixinho. Não há sequer um tom de reprovação. Mas minha mãe entende assim.

— Ela com certeza não vai morrer por um punhado de lágrimas — ela retruca.

Não esboço nenhuma reação. Não vou lhe dar o prazer de me atingir, que se dane.

Como de costume, salto da cama às quatro e meia. Normalmente, lá por esse horário já dormi algumas horas, mas hoje fiquei todo o tempo acordada. Remoendo pensamentos na minha cabeça.

Quando todos os dias são preenchidos com trabalho desde cedo até tarde da noite, podemos nos enganar por muito tempo que estamos

bem ocupados. Mas esse não é nem um pouco o meu caso. Eu estava, sim, ocupada, mas não bem. Não é surpreendente que isso tenha se revelado para mim, só que me incomodou a noite inteira. O mais irritante é que a gente logo sente um impulso sobre o qual não pode agir.

Me sento ao piano e deito minha cabeça cansada sobre a tampa. Aca-ricio a madeira. Quantas vezes busquei consolo neste instrumento que meu pai encontrou no lixo. A madeira era fosca, trincada aqui e ali. O revestimento de marfim de algumas teclas, um pouco quebrado. Milagrosamente, tinha uma chave na tampa e isso dava uma sensação de segurança.

Minha mãe não queria o monstrengo – como ela o chamava – em casa, mas meu pai pela primeira vez na vida bateu o pé.

— É o meu presente pra Willy — ele disse.

Quando minha mãe perguntou o que eu tinha feito pra merecer, ele respondeu:

— É aniversário dela.

Fiquei surpresa em saber que aquele dia era meu aniversário, porque em casa não comemoramos aniversários. Nenhuma festa, pra ser mais precisa. Mas esse dia eu nunca mais vou esquecer. Ganhei meu piano em 26 de junho de 1912, meu aniversário de dez anos, e foi o melhor presente da minha vida.

Abro a tampa e toco algumas notas. Mal sai qualquer som, pois as cordas são abafadas com firmeza por um bastão comprido coberto de retalhos de feltro, especialmente feito por mim, que fica no alto da caixa de ressonância, encostado nas cordas. Eu sempre pratico entre quatro e meia e sete da manhã. É o único horário que tenho.

Depois de tocar por um bom quarto de hora, paro abruptamente. Está vendo como não consigo mais pensar com clareza? Não preciso ir pra lugar nenhum mais tarde! Mas não volto pra debaixo das cobertas. Não quero que minha mãe perceba que algo mudou comigo.

Risco o anúncio do jornal da candidata austera. Ela deveria saber que na minha busca por emprego estou usando as vagas selecionadas por ela. Até agora sem sucesso. Só tem mais um anúncio marcado.

Olho para o teatro de variedades no beco onde desembocam diversas escadas de incêndio. “In the Mood” está escrito na fachada. Uma

pequena escada de pedras leva até a entrada. Lá em cima tem um porteiro corpulento. Hesito se devo subir, mas afinal já estou ali.

— Estou aqui por causa da vaga para... — dou uma espiada no jornal — ... atendente de chapelaria. — Tenho que levantar o olhar para vê-lo.

Ele me olha do alto.

— Já foi preenchido. Mas você não seria selecionada.

— Por que não?

— Nós aqui trabalhamos pelas gorjetas... Por isso. — Ele me olha de maneira depreciativa.

Não levei nenhuma pancada na cabeça e compreendo muito bem que ele está zombando da minha aparência, mas não tenho mais energia pra entrar em conflito com ele. Minhas pernas estão cansadas e tem uma pedrinha perversa no meu sapato. Dou um passo pro lado em direção ao beco. Num chute, tiro o sapato pra sacudir a pedrinha de dentro e vejo que tem um furo na sola. Ainda mais isso.

— Recusada?

Viro a cabeça e percebo que sou observada por um homem de uns trinta e cinco anos de idade que está fumando meio escondido atrás da escada. Ele deve ter escutado o porteiro. Faço que sim com a cabeça e deixo por isso mesmo.

— Se quiser ter sucesso nesta área você tem que chamar atenção. — Sua voz soa um tanto divertida.

Olho um pouco melhor pra ele. Está usando um terno largo e desalinhado, mas que lhe cai bem. Parece um homem distinto e amigável, com seus cabelos loiros e olhos azuis.

— Se eu não encontrar nada, vou ter um grande problema — respondo.

— Gostaria de ajudá-la, mas não precisamos de ninguém, a não ser de um músico.

Eu me aprumo.

— Um músico? Eu toco piano.